

A identidade brasiliense na variação lexical da estrutura urbana do Plano Piloto

The identity of Brasiliense in the lexical variation of the urban Pilot Plan structure

*Flávia de Oliveira MAIA-PIRES**

RESUMO: Este trabalho é parte de um estudo sobre o léxico da estrutura urbana e arquitetônica do Plano Piloto de Brasília, no âmbito dos estudos lexicais e terminológicos. Identificou-se variações entre os itens lexicais que denominam a estrutura urbana e arquitetônica, utilizados pelos habitantes da capital do Brasil, revelando marcas identitárias do brasiliense em conversas cotidianas que envolvem a cidade. As variações lexicais englobam siglas, nomes complexos e nomes simples. A pesquisa demonstra que as variações estão sujeitas ao contexto de uso. Utilizou-se a metodologia analítica-descritiva. O corpus foi formado por textos especializados, textos de divulgação e sites governamentais sobre Brasília. A ferramenta AntConc (ANTHONY, 2019) auxiliou no processamento dos dados. As bases para este trabalho foram a teoria da terminologia variacionista de Faulstich (1996, 1997, 1998 e 2001) e estudos de Maia-Pires (2009 e 2018). O primeiro estudo, incluindo as variações lexicais, registrou um conjunto de 216 nomes que compunham o léxico urbanístico do Plano Piloto, a etapa mais recente acrescentou 54 nomes, incluindo elementos

ABSTRACT: This paper is a part of a study about the lexicon of the urban and architectural structure of the Brasilia Pilot Plan, within the scope of lexical and terminological studies. Variations were identified between the lexical items that name the urban and architectural structure, used by the inhabitants of the capital of Brazil, revealing Brazilian identity marks in daily conversations involving the city. Lexical variations include acronyms, complex names, and simple names. Research shows that variations are subject to the context of use. The analytical-descriptive methodology was used. The corpus was formed by specialized texts, promotional texts and government websites about Brasília. The AntConc (ANTHONY, 2019) tool assisted in data processing. The basis for this work was Faulstich's theory of variationist terminology (1996, 1997, 1998 and 2001) and Maia-Pires's studies (2009 and 2018). The first study, including the lexical variations, recorded a set of 216 names that made up the Pilot Plan urban lexicon, the most recent step added 54 names, including architectural elements, forming a total of 270 lexical items that are

* Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - LIP-IL-UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7167-5214>. maiapires@unb.br

arquitetônicos, formando um total de 270 itens lexicais que estão divulgados em um glossário, publicado em abril de 2018.

disclosed in a glossary, published April 2018.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Identidade brasiliense. Lexicologia.

KEYWORDS: Linguistic variation. Identity of Brasiliense people. Lexicology.

1 Introdução

O Brasil, em virtude de sua dimensão continental, é um lugar de diversidade cultural, linguística e social e, ao mesmo tempo, lugar de particularidades. Estudos linguísticos revelam aspectos genéricos e pontuais da língua portuguesa falada pelos brasileiros, observando inclusive a diversidade linguística que engloba variações. Considerando que a variação linguística está relacionada aos movimentos que a língua apresenta de acordo com fatores históricos, regionais, pragmáticos, de grupos ou de comunidades de fala no processo interação, inclui-se o léxico especializado do brasiliense no âmbito da variação da língua portuguesa. Neste contexto, ao passar pelas cidades das cinco regiões do país, as pessoas observam não somente a estrutura urbana e arquitetônica, mas também o modo de falar de seus habitantes, seja por causa do sotaque, seja por causa das palavras típicas usadas por eles. Essa observação acontece por existir um modo diferente e particular do falar no local, que é conhecido como variação diatópica.

O Plano Piloto de Brasília, cujos limites estão assim delimitados: a leste pela orla do lago Paranoá, a oeste pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA, ao sul pelo córrego Vicente Pires e ao norte pelo córrego Bananal, de acordo com a portaria nº 314 de 8 de outubro de 1992, é um lugar que causa impacto às pessoas de diferentes modos, porque como uma cidade nova, moderna, concebida e planejada com propósito específico de representação de poder político-administrativo de um país, possui uma organização de estrutura urbana e arquitetônica peculiar, com nomes específicos que já fazem parte do uso cotidiano do brasiliense. O próprio nome Plano

Piloto tem suas origens na linguagem técnica de urbanistas e arquitetos, uma vez que plano-piloto é qualquer plano preliminar para um empreendimento que pode sofrer alteração no decorrer do seu planejamento, de acordo com Ferrari (2004, p. 281). Esses nomes, por apresentarem conceitos especializados e por terem usuários específicos de uma área do saber, são denominados como termos e já se encontram enraizados no falar dos habitantes da Capital, contribuindo assim para a identidade linguística da população. Essa particularidade lexical, entre outros aspectos, distingue brasileiros de cariocas, pernambucanos, catarinenses, paraenses, goianos entre outros.

Assim sendo, entende-se que o “léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (ISQUERDO, 2001, p. 14) e, em consequência, alguns itens lexicais usados pelos brasileiros constituem o patrimônio linguístico dos habitantes de Brasília, apresentando uma variação da língua portuguesa e um aspecto político, histórico e social da cidade. Os exemplos a seguir ilustram alguns casos que registram particularidades urbanísticas de Brasília que se encontram na fala dos brasileiros, são enunciados retirados de manchetes de jornais divulgadas em seus sites:

- a) “Chuva alaga **tesourinhas**, derruba árvores e complica trânsito em Brasília”.¹
- b) “Após 483 dias, viaduto do **Eixão** é liberado parcialmente”.²
- c) “**Buraco do Tatu** será bloqueado na próxima segunda (30)”.³
- d) “GDF inaugura mais duas '**agulhinhas**' na Asa Norte”.⁴

¹ Jornal Correio Brasiliense (postado em 21.04.2019). Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/04/21/interna_cidadesdf,750700/chuva-e-alagamento-no-dia-do-aniversario-de-brasilia.shtml. Acessado em: 24 jul. 2019.

² Jornal Metrôpoles (04.06.2019). Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-483-dias-viaduto-do-eixao-e-liberado-parcialmente>. Acessado em: 24 jul. 2019.

³ Jornal de Brasília (27.07.2018). Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/cidades/buraco-tatu-sera-bloqueado-na-proxima-segunda-30/>. Acessado em: 24 jul. 2019

⁴ Jornal o Globo (05.02.2013). Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/02/gdf-inaugura-mais-duas-agulhinhas-na-asa-norte.html>. Acessado em: 24 jul. 2019

Itens como **tesourinha**, **eixão**, **buraco do tatu** e **agulhinhas**, utilizados nos exemplos a), b), c) e d), são estranhos às pessoas que não moram em Brasília ou aos habitantes recém chegados, não pela grafia ou pela pronúncia, mas pelo seu conteúdo semântico. Em que **tesourinha** e **agulhinhas** não se referem a utensílios de costura; **buraco do tatu** não se refere à casa do mamífero da família dos dasipodídeos; **eixão** não é o aumentativo da linha imaginária que divide um corpo em parte simétrica, recorrendo às definições mais comuns. São nomes de estruturas urbanas da capital do Brasil que podem ser denominadas, respectivamente, como conjunto de alças rodoviárias, via de acesso, passagem subterrânea, via rodoviária no restante do país, mas que em Brasília revelam mais que conceitos, revelam o falar da Capital.

No aspecto arquitetônico, destacam-se as denominações das principais pontes da cidade, **Ponte das Garças**, **Ponte Costa e Silva** e **Ponte Juscelino Kubitschek**, que dentro da própria capital apresentam variantes como *Primeira Ponte*, *Segunda Ponte* e *Terceira Ponte*, nessa mesma ordem, na fala dos brasilienses.

O nome da *Segunda Ponte*, **Ponte Costa e Silva**, é motivo de conflitos democráticos, políticos e jurídicos. Seu nome de origem, dado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, era Ponte Monumental, mas foi inaugurada como Ponte Costa e Silva em 1976. Entretanto, em janeiro de 2015, foi renomeada como *Ponte Honestino Guimarães*, em homenagem ao estudante morto à época do AI5. Em novembro de 2018, retorna ao nome de inauguração, Ponte Costa e Silva. Desse modo, mais que uma nomenclatura, a denominação da Segunda Ponte, como ocorre em outros nomes, carrega o caráter identitário do brasileiro: democrático, político e social. Essa ponte também revela aspectos históricos observados pelos brasilienses, pois é foco de manifestações, como a ocorrida em 2012, quando a ponte recebeu o nome de Ponte Bezerra da Silva, com a finalidade de homenagear um grupo de arte urbana e, em março de 2019, foi "batizada" de Ponte Marielle Franco, fruto do Movimento de

Mulheres Olga Benário. Registra-se que em meio a essa variação de nomes que essa ponte recebe, a variante *Segunda Ponte* permanece como uso consagrado pela população.

Quanto à *Terceira Ponte* ou **Ponte Juscelino Kubitschek**, cujo uso comum entre a população é Ponte JK. Detalhes que para os não moradores da cidade são irrelevantes, mas que para os brasileiros representam marcas de identidade e história, além de serem referências no processo de deslocamento urbano.

Os exemplos citados colaboram para a afirmação de que a cidade que completou 60 anos em 2020 já "possui um dialeto próprio, focalizado, com características que o diferencia dos demais dialetos do PB" (ANDRADE 2015, p. 93). E nessa perspectiva, o presente estudo constatou a existência de um léxico especializado referente a estrutura urbana e arquitetônica do Plano Piloto da Capital do Brasil, utilizado pelos brasileiros, por meio de estudos no âmbito da Lexicologia e da Terminologia. É um estudo que demonstra que determinado item lexical apresenta um conceito particular e especializado, chamado de termo, pode revelar também informações sobre a identidade de pessoas de uma região. Aspectos que ultrapassam questões ortográficas e gramaticais, os termos da capital apresentam característica humanísticas de parte de grupo que fala a língua portuguesa em um determinado local, demonstrando que língua, pessoas e cultura estão intimamente relacionadas.

Destaca-se que este artigo, para esclarecimento do percurso desta pesquisa, foi organizado em etapas, as quais estão estruturadas do seguinte modo: em um primeiro momento, após a introdução, são apresentados os aspectos teóricos, a metodologia adotada, algumas análises em que se identificou variação linguística na terminologia utilizada pelos habitantes de Brasília, perspectivas para futuras pesquisas sobre o tema e considerações finais. As figuras ou quadros sem datação foram elaboradas para este trabalho.

2 O estudo do léxico especializado na fala brasileira

Brasília, como é sabido, foi construída com base no projeto do urbanista Lúcio Costa que utilizou como base dois eixos, um público e um privado, adaptando-se à topografia local. Em função do Eixo Monumental, no qual se encontram as áreas a sul e a norte, em função do Eixo Rodoviário-Residencial, no qual se encontram as áreas a leste e a oeste (MAIA-PIRES, 2009, p. 22). Além disso, foram consideradas quatro escalas na sua concepção para setorizar a cidade, a saber: Monumental, Residencial, Gregária e Bucólica. Esses setores foram cunhados na perspectiva de implementar um zoneamento seletivo e divisão de regiões, segundo funções como: habitar, lazer, trabalhar e circular. Os princípios baseados em funções tinham como prioridade o bem-estar do homem, por isso a cidade deveria ser construída de modo que as atividades de trabalho, de deslocamento, de comércio, entre outras, não fossem penosas para os seus habitantes. Esses princípios, portanto, nortearam a concepção de Brasília

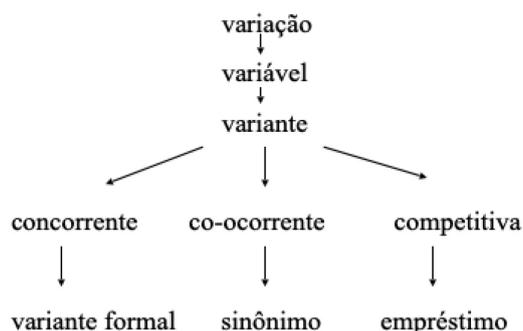
O projeto contava com um léxico especializado utilizados por urbanistas e arquitetos, mas que aos poucos foram incorporadas no falar das pessoas que habitavam o local. O caráter especializado desses itens lexicais foram identificados por meio de estudos da Terminologia, disciplina que “se ocupa dos conceitos, suas definições e suas denominações”, segundo Sager (1993, p. 21), em uma linguagem especializada. O objeto de estudo da Terminologia é o termo ou o conjunto de termos. A Terminologia caracteriza-se como uma matéria interdisciplinar e, segundo Cabré é:

- para os linguistas, a terminologia é uma parte do léxico especializado por critérios temáticos e pragmáticos;
- para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional;
- para os usuários, diretos ou indiretos, a terminologia é um conjunto de unidades de comunicação, úteis e práticas, cujo valor se mede em função de critérios de economia, de precisão e de adequação (CABRÉ, 1993, p. 37).

Faulstich (1997, p. 82) afirma que a “terminologia surge para sistematizar o léxico das linguagens de especialidade. Uma das suas tarefas é o estudo linguístico do termo, desde o mais simples até o mais complexo, fato que os estudos de língua geral não deram conta ainda”. Envolve estudos multidisciplinares que relaciona a linguística, a lógica, a ontologia e as ciências da informação, com as várias áreas temáticas, como os termos utilizados para descrever aspectos da estrutura urbanística e arquitetônica utilizados pelos habitantes de Brasília.

Nessa combinação de fatores, compreende-se que “o conjunto de palavras especializadas usadas para se referir ao conhecimento de um domínio e descrevê-lo, seja ele científico, técnico, especializado, constitui uma terminologia” (MAIA-PIRES, 2009, p. 34). Portanto, considera-se o léxico especializado utilizado pelo brasileiro uma terminologia, uma vez que denomina conceitos específicos relacionados a cidade e seus usuários; e que essa terminologia, assim como de outras áreas, está sujeita as mesmas regras da língua comum, apresentando variações como se discorre na sequência.

Por algum tempo, acreditou-se que a existência de variação linguística em terminologia não existia e se porventura ocorresse deveria ser eliminada. Entretanto, os estudos terminológicos de Faulstich (1999) comprovaram o fenômeno da variação em linguagem de especialidade, como apresenta o trabalho *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*, trabalho publicado sobre o assunto pela pesquisadora. Faulstich afirma que “a unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência” (FAULSTICH, 1999, p. 13), o que se confirma por meio dos itens lexicais especializados encontrados na fala dos brasileiros que os diferenciam de outros falares dos brasileiros. Esses estudos apresentam um constructo teórico da variação em terminologia, distribuído nas seguintes categorias, **concorrentes**, **coocorrentes** e **competitiva** (FAULSTICH, 2001, p. 26-33) discriminadas abaixo:

Constructo teórico da variação em Terminologia:

Fonte: Faulstich (2001, p. 26).

Desse modo, compreende-se que mesmo o léxico especializado está sujeito à variação linguística, desempenhando o papel social e cooperativo entre os usuários do sistema linguístico, como o caso de **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul**, também denominado de **Cruzeiro Novo**, este último mais frequente na fala cotidiana dos brasileiros e, atendendo o papel social, recorre-se a variante em forma de sigla, **SHCES**, principalmente no preenchimento de documentos em que se exigem dados para correspondências. Analisa-se que a relação entre **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** e **SHCES** é de concorrência, uma vez que se trata de uma variante formal em que onde uma ocorre a outra não está presente, como no caso do espaço para escrever o endereço em cartas, pois os brasileiros recorrem a sigla para identificar seus endereços. Entretanto, a relação entre **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** e **Cruzeiro Novo** é de co-ocorrência, pois são variantes que se organizam no discurso mantendo a coesão lexical, mas se observa a preferência no uso desta última na fala cotidiana do brasileiro.

A variante **Cruzeiro Velho**, referente a **Setor Residencial Econômico Sul**, foi criada em virtude de a região localizar-se próxima à Praça do Cruzeiro, onde foi rezada a primeira missa de Brasília, e que possuía uma cruz. Assim, o **Setor de Residências Econômicas Sul** era mencionado por seus moradores, à época, em enunciados como: “Moro perto do Cruzeiro”. O avanço das construções de um novo setor de habitações coletivas, próximo a essa região da Praça do Cruzeiro, exigiu uma denominação que a

distinguisse do outro setor já existente. A solução linguística adotada pela população encontra-se em enunciados como: “Eu vou para o Cruzeiro, **o novo!**”. Uma relação de antonímia que seguiu uma lógica cronológica.

O próprio item lexical **Brasília** algumas vezes causa desentendimentos quanto ao espaço geográfico delimitado pelo termo por uma questão conceitual. **Brasília** sendo sinônimo de **Distrito Federal**, em que denomina a capital do Brasil, conforme a carta magna, estabelece uma relação de co-ocorrência, “uma vez que relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 2001, p. 26), sendo, neste caso, uma variação. De modo semelhante, ocorre variação entre outros dois termos, **Brasília** e **Região Administrativa 1**, pois também a forma gráfica - Brasília- refere-se a uma parte do Distrito Federal denominada *Brasília* ou *Região Administrativa 1*. Entretanto, **Brasília** (Distrito Federal) e **Brasília** (Região Administrativa 1) não são variantes terminológicas e sim homônimos, possuem a mesma forma fonética e gráfica, mas com conceitos diferentes. Como se demonstra, a relação conceitual, de grande importância nos estudos terminologias, é considerada tanto para identificar se um item lexical é um termo como para verificar se é uma variante.

Ainda quanto ao aspecto teórico, é relevante expor que termos como **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** é visto como “unidade de uma base seguida de predicções, cujos componentes veiculam funções semântica, sintáticas e pragmáticas definidas segundo relações estabelecidas entre eles” (CAFÉ, 2003, p. 60). Isso ocorre porque somente quando as bases lexicais estão completas que se obtém o conceito de modo claro, ou seja, os itens vão se organizando de modo que saia do genérico para o específico, com afirmação Faulstich (2003, p. 11-14), em seu constructo, sobre regras de formação de termos, ao considerar que “a terminologia é um fato de língua, que acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática”. Aplicando o constructo, obteve-se análises como demonstra o exemplo a seguir:

[[[[[[Setor] de Habitações] Coletivas] Econômicas] Sul]]
 [[[[[[A] B] C] D] E]]

Em que “a construção de terminologias complexas é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do +geral ao +específico”. Assim, a base ‘setor’ (formativo A) opera o conceito +geral; o argumento ‘de habitações’ (formativo B) reopera o conceito +geral de A; o argumento ‘coletivas’ (formativo C) reopera a base AB; por sua vez, o argumento ‘econômicas’ (formativo D) reopera a base ABC e o argumento ‘sul’ (formativo E) reopera a base ABCD, completando, conseqüentemente, o conceito designado pelo termo formado, que é visto como uma única unidade conceitual. Por conseguinte, a formação do termo ocorre “em cadeias derivadas, assim sendo cada termo ou conjunto de termos gerará as regras adequadas” (FAULSTICH, 2003, p. 16).

Aspectos referentes aos nomes que denominam a estrutura urbana e arquitetônica encontrados na fala dos brasilienses, como apresentadas até o momento, sugeriram a necessidade de um estudo que identificasse as relações entre esses nomes e que explicasse semelhanças, diferenças, variações de fato ou não, com pressupostos linguísticos. E, para isso, a metodologia que vem sendo adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, ao longo desses anos, tem se sido relevante, bem como suas adaptações, como se descreve, de modo breve, no tópico seguinte.

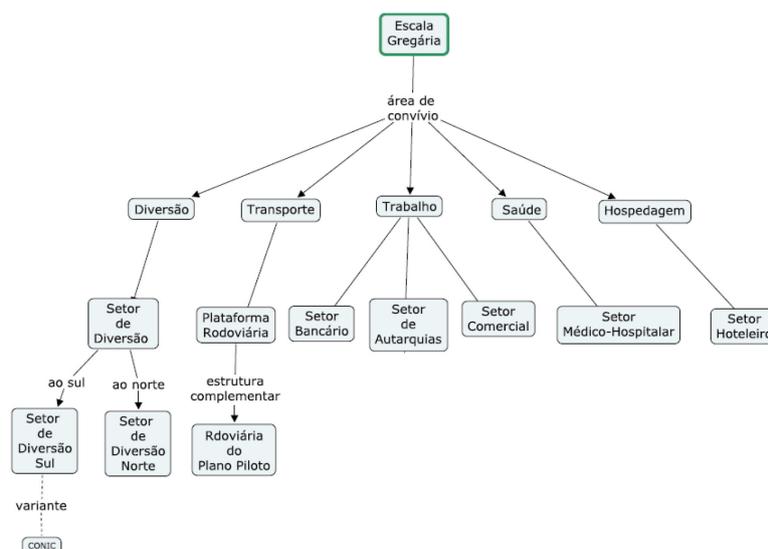
3 Avanços tecnológicos nos estudos linguísticos.

Na primeira fase desta pesquisa, recorreu-se à metodologia de Faulstich (1990, p. 3) em *Metodologia para projeto terminográfico*,

cuja finalidade é desenvolver os procedimentos metodológicos que venham a servir de roteiro e de base para a produção de documentos terminográficos, segundo metodologias terminográfica e lexicográfica e fundamentos de terminologia e de lexicologia,

sendo necessária a seleção de documentos que abordassem o tema em estudo: terminologia urbanística de Brasília. O trabalho foi dividido em etapas, a saber: (i) seleção das fontes documentais; ii) recolha e seleção dos nomes referentes a estrutura urbana de Brasília; iii) identificação das variações linguísticas.

A seleção das fontes documentais teve como ponto de partida o *Relatório Plano Piloto de Brasília*, documento oficial, escrito por Lucio Costa, em 1957, revistas, leis, decretos, normas de gabarito e reportagens de jornais relacionados a estrutura urbana de Brasília. Após essa seleção os documentos, os materiais foram impressos ou fotocopiados para a composição do corpus. Os dados foram recolhidos manualmente e na sequência foram tabulados de acordo com as quatro escalas *Monumental*, *Residência*, *Gregária* e *Bucólica*, uma das bases conceituais fundamentais na construção de Brasília. À época, o software IHMC CmapTools, desenvolvido pelo *Institute for human Machine Cognition* da Universidade de West Florida, ferramenta para elaborar esquemas conceituais e representá-los graficamente, grátis e disponível na internet, que pode ser acessado pelo link <https://cmap.ihmc.us>, foi útil para os fins.



Fonte: MAIA-PIRES (2009, p. 45).

O mapa conceitual auxiliou na organização dos dados de modo que relacionasse as terminologias de acordo com suas concepções. Em que conceito, segundo Novak (2008 *apud* KOCH DELGADO, 2012, p. 70), "é a percepção constante de eventos ou objetos, ou registros de eventos ou objetos, designados por um nome e esse nome, para a maioria dos conceitos, é uma palavra ou expressão".

Identificados o itens relevantes para pesquisa, fichas adaptadas do modelo desenvolvido pela Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001) foram elaboradas e preenchidas para auxiliar na organização dos dados e no análise dos fenômenos linguísticos. A ficha continha inclusive um espaço para informar dados sobre a existência de variação linguística.

A Linguística Computacional é "a área de conhecimento que explora as relações entre linguística e informática, tornando assim possível a construção de sistemas com capacidade de reconhecer e produzir informação apresentada em linguagem natural", nas palavras de Vieira e Lima (2001, p. 1), que se relaciona com outras áreas de pesquisas, que compõe Linguística Teórica e aplicada, como a Sintaxe, a Semântica, a Lexicologia e a Terminologia para processar e produzir as línguas naturais. Segundo Lenci (2019, p. 13), "la LC dialoga con la linguística, le scienze cognitive, la psicologia, la filosofia e le scienze umane in generale, con le quali condivide l'obiettivo di indagare la struttura, il funzionamento e l'uso del linguaggio e il suo rapporto con le altre facoltà cognitive dell'uomo". Por sua vez, a Linguística de *Corpus* coleta dados e realiza análises com base em um conjunto de textos produzidos por falantes reais como os textos jornalísticos, dissertações, tese, textos de redes sociais, debates, entrevistas entre outros.

Assim, com o avanço da Linguística Computacional e o desenvolvimento de ferramentas para análises de dados textuais, que segundo Berber Sardinha (2004, p. 3):

ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de

servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

trouxeram grande auxílio a Lexicologia e a Terminologia. Por isso, na etapa mais recente da pesquisa, que incluiu as denominações de monumentos para verificar a relação desses termos com o falar identitária do brasileiro, considerou-se útil incluir a Linguística de *Corpus* no projeto. Desse modo, constatou-se que as ferramentas tecnológicas disponíveis para organização da informação de dados linguísticos de modo sistemático facilitou a atualização dos dados, que agora também englobam os itens lexicais da estrutura arquitetônica de Brasília, além da urbana.

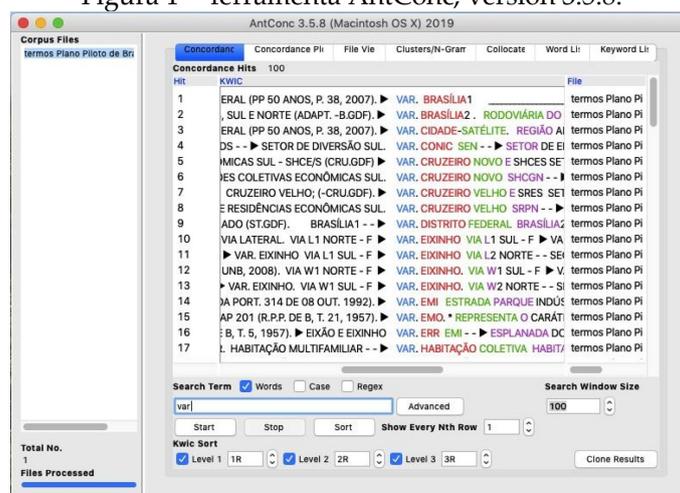
Utilizou-se o software AntConc (ANTHONY, 2019), cuja finalidade é o tratamento de textos por meio de sistema automático. O programa processou os dados, anteriormente tratados e adaptados para o formato TXT, linguagem [formato] necessária para a leitura dos dados pela ferramenta. Foram incluídos novos textos e assim o corpus foi atualizado com o foco de verificar mudanças na linguagem dos brasileiros em relação ao tema. Variações foram identificadas e analisadas de modo que pudessem ser comprovadas em textos originais disponíveis na internet em sites de revistas e jornais recentes.

O AntConc (ANTHONY, 2019) contém 7 (sete) ferramentas de processamento de dados: 1) *Concordance Tool*; 2) *Concordance Plot Tool*; 3) *File View Tool*; 4) *Clusters/N-Grams*; 5) *Collocates*; 6) *Word List* e 7) *Keyword*. As ferramentas que permitiram identificar variações no *corpus* foram:

1) *Concordance Tool*: apresenta o resultado da pesquisa de acordo com a palavra-chave no contexto, fornecendo a palavra e a frase comumente usada em um corpus de textos.

6) *Word List*: apresenta todas as palavras do corpus em uma lista ordenada por frequência, permitindo a localização das palavras mais frequentes no texto.

Figura 1 -- ferramenta AntConc, version 3.5.8.



Fonte: Anthony (2019).

A ferramenta *word list* forneceu uma lista de todas as palavras contidas nos textos selecionados e suas respectivas frequências. Os itens lexicais fornecidos são exibidos com a forma que se apresentam no texto de origem, ou seja, apresentam-se flexionados de acordo com a concordância exigida pela gramática do enunciado. Após a composição da lista de palavras dos textos, com quantidade e frequência, foi possível verificar o contexto linguístico em que cada item aparecia, por meio da ferramenta *concordance*.

Assim sendo, depois de executadas as duas etapas, foram recolhidos os itens lexicais que compõem indicativo de variações linguísticas do corpus, que depois foram analisados considerando os pressupostos teóricos. Como resultado, o programa identificou um total de 11.856 itens lexicais, dos quais 1784 eram itens distintos. O software permitiu identificar 100 casos de variação linguística em uma primeira análise, como **Eixinho** e **via L1**; **Cruzeiro Velho** e **SRES**; **CONIC** e **Setor de Diversão Sul**; **Ponte das Garças** e **Primeira Ponte**, como indicação de variações linguísticas típicas do falar brasileiro expostas a seguir.

4 Variação lexical e a identidade do brasiliense

Como mencionado, os estudos Terminológicos também identificam casos de variações em linguagens de especialidades. Nesse contexto, este estudo identificou variáveis de itens lexicais da estrutura urbana e arquitetônica na fala dos brasilienses, os quais adotaram termos dessa áreas do conhecimento. As variações foram organizadas do seguinte modo, quanto à forma: a) palavras formadas por uma única base lexical, também denominado termo simples (unidade terminológica simples), por exemplo, **eixão**, **entrequadra** e **pilotis**; b) unidades terminológicas simples formadas pela redução de termos com mais de uma base lexical, com uma estrutura específica e com ordem fixa, por exemplo, **SIG**, **SMU** e **SHCES**; e c) unidades formadas por mais de uma base lexical, denominada (unidade terminologia complexa), por exemplo, **Setor Militar Urbano**, **Parque da Ecológico e de Multiuso Olhos d'água** e **Asa Norte**.

Observando-se esses aspectos, apresentam-se os seguintes quadros como amostra de algumas variações: Quadro 1, apresenta o grupo formado por unidades simples, cujas palavras eram formadas por uma única base lexical; Quadro 2, apresenta os grupos formados por unidades terminologias complexas e as variantes em forma simples e/ou reduzidas.

Quadro 1.

1.	Agulhinha
2.	Balão
3.	Brasília
4.	Entrequadra
5.	Eixão
6.	Eixinho
7.	Pilotis
8.	Superquadra
9.	Tesourinha

Referente ao grupo representado no quadro 1, abordar-se-á aqui os itens 2, 5, 7 e 9, uma vez que os outros já foram contemplados ao longo do trabalho.

O item **balão** ou **balão viário**, como estrutura urbana, não é específico de Brasília, mas apresenta uma abundante variação na língua portuguesa. A estrutura de formato circular que se localiza em trechos viários para evitar cruzamentos entre ruas ou estradas por onde os veículos executam manobras para acessar vias também é conhecida pela denominação de *rotatória, círculo, queijinho, rotunda, rótula, redonda* e *bola* em outras regiões. Em Brasília, essa estrutura que tem como característica conter flores e arbustos, uma das marcas da cidade, segue a norma de trânsito em que a prioridade de sentido dá preferência aquele veículo que já estiver em circulação. Enunciados apresentando a variante **balão** é típica do falar brasileiro ao dar instruções sobre locomoção de trânsito como em: ‘faz o **balão** e entre na quadra’.

O item **Eixão**, derivado de eixo, forma fonética e gráfica conhecida, é a variante mais comum de *Eixo Rodoviário-Residencial*. Refere-se a “via rodoviária, que liga a Asa Norte à Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, com seis pistas de rolamento, três no sentido norte-sul e três no sentido sul-norte, e uma pista central de escape” (MAIA-PIRES, 2018, p. 39). É uma denominação de uma estrutura que marca o brasileiro, seja por ser a principal via de ligação entre as “Asas”, no dia a dia, seja por ser ponto de lazer, esporte e festas aos domingos e aos feriados. É mais que um nome, é referência de espaço na cidade como registra os enunciados: ‘Você vai para o **Eixão** no domingo?’; ‘Meu apartamento é bem perto do **Eixão**’.

O item **pilotis**, é um “empréstimo externo” de origem francesa, é conhecido como “conjunto dos pilares ou das colunas que sustentam uma construção, deixando a área do pavimento térreo livre para circulação”, conforme registra o dicionário Caldas Aulete (2016). Estrutura encontrada em muitas cidades. No entanto, o termo na capital ganha outro sentido, inclusive faz parte do imaginário infantil, uma vez que o espaço entre o conjunto de colunas dos prédios residenciais representa um dos lugares em que as crianças utilizam para brincar com os amigos do ‘bloco’ em que habitam. Quando brasileiros falam dos **pilotis**, referem-se aos espaço em que

ocorrem conversas com vizinhos, festas de confraternização, espaço de interação e livre circulação. É uma variante em que se identifica traços culturais do habitantes da Capital. O conceito de **pilotis** ultrapassa o de estruturas que sustentam um edifício como em: 'Lembro-me da gente brincando no pilotis'. Enunciado que soa estranho para que não conhece os hábitos da cidade.

No caso do item **tesourinha**, uma das estruturas rodoviárias mais destacadas por quem anda pelas vias de Brasília, é a variante de *conjunto de alças rodoviárias*, também chamam até de trevo, representa a "interconexão entre os eixinhos, com forma de uma tesoura, que dá acesso às Superquadras" (MAIA-PIRES, 2018, p. 89). É uma denominação de natureza metafórica, pois os traços de conteúdo desse termo aproximam-no do objeto tesoura pequena, em uma vista aérea. Esse termo causa estranhamento a outros por apresentar como homônimos em língua portuguesa, ou seja, a mesma forma gráfica e fonológica, da ave da família apodídeos, de longa cauda e com a parte superior da cabeça de cor preta, peito de cor branca e dorso nos tons entre preto e cinza; do instrumento de corte; e do inseto ordem Dermaptera. Entretanto, essa estrutura, aparentemente complexa, às vezes confundam os visitantes que não compreendem o seu sistema, mas que é muito simples e cotidiana aos moradores da cidade, como em: 'Vai pelo Eixinho, faz a tesourinha e sobre para a 104'.

Quadro 2.

Cidade-Satélite	Região Administrativa		
Os Guerreiros	Os Dois Candangos		
Parque Ecológico E De Uso Múltiplo Olhos D'água	Parque Olhos D'água		
Setor Comercial Norte		SCN	
Setor Bancário Norte		SBN	
Setor de Habitações Coletivas – Áreas Octogonais Sul; Área Octogonal	Octogonal	<u>SHCAOS</u>	AOS
Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul	Cruzeiro Novo	SHCES	
Setor de Habitações Coletivas Sudoeste	Sudoeste	<u>SHCSW</u>	
Setor de Residências Econômicas Sul	Cruzeiro Velho	SRES	
Superquadra Norte		SQN	
Superquadra Sul		SQS	

Referente ao grupo representado no quadro 2, formado por unidade complexas, com variantes em forma simples e/ou reduzidas, apresentam-se alguns dados a seguir.

Observou-se, entre as variantes que designavam o mesmo lugar, um grande número de siglas, como **SCN**, **SHCAOS**, **AOS**, **SHCES**, **SHCSW**, **SRES**. Essas variantes foram localizadas de modo particular em documentos como formulários ou em espaços destinados ao preenchimento de logradouro. Como é sabido, as siglas “são termos aparentemente simples, mas cuja origem é de formação complexa” (CABRÉ, 1993, p. 177). As siglas também correspondem aos nomes intitativos, oficiais, nacionais ou internacionais, normalmente longos, cujo uso repetitivo em textos e nos discursos torna-se enfadonho, cansativo e pouco econômico, com base em Houaiss (1967, p. 168). Desse modo, as correspondências em Brasília utilizam a variante em forma de sigla no lugar do termo complexo, em que se pode identificar de modo menos opaco o conceito. Todavia, por ser uma linguagem comum a um grupo específico com fins específicos, o uso de siglas como uma palavra comum torna opaco o seu conceito para os que não são usuários desse tipo de item especializados.

Fato que confirma o uso de siglas em logradouros é uma característica da particularidade da Capital é a reportagem de 2010 que registra um episódio entre um consumidor e o serviço de atendimento ao cliente de uma empresa em que foi solicitado o endereço. Por não apresentar "nomes" de ruas como parte da forma de endereço um morador, ao tentar auxiliar a atendente no preenchimento das informações pessoais, recebeu uma correspondência com o espaço destinatário: **Sapo Queijo Nada** no lugar de - SQN. O caso foi tão peculiar que houve divulgação em jornais de grande circulação e, segundo a agência dos Correios, a correspondência chegou ao destinatário por causa do sistema de código postal, o CEP.

Já o termo **cidade-satélite** tem como variante *Região administrativa*, de uso mais recente por motivos de mudança em lei. Atualmente o Distrito Federal conta com 31 Regiões Administrativas. O conceito pode ser identificado como: cidade que é satélite, em que a base é 'ressemantizada' pelo item pós-posto, satélite, constituindo assim o termo cidade-satélite. O hífen demonstra uma lexicalização do termo. Observa-se as mudanças ocorridas no decorrer dos anos da cidade, verificou-se nos textos mais recentes que o uso de cidade-satélite é menos frequente, podendo indicar que o termo está caminhando para o desuso, permanecendo o registro histórico do termo.

O termo **Setor de Habitações Coletivas – Áreas Octogonais Sul** representa um conceito que se constrói a medida em que os elementos são ordenados e o elemento posposto reopera o conteúdo de seu precursor, conforme verifica-se no constructo de Faulstich. Sendo itens especializados, contêm informações claras a urbanistas e a arquitetos, pois *setor de habitações* carrega o conceito e edificações para moradia, excluindo assim fins comerciais, por exemplo. Acrescentando o elemento coletivo, há a formação de um novo conceito, espaço para edificações com apartamentos, em oposição a do urbanismo.

[[[[[Setor] de Habitações] Coletivas] Áreas] Octogonais] Sul]]
 [[[[[A] B] C] D] E] F]]
 [[[[[Ø] Ø] Ø] Ø] Octogonais] Ø]]

Neste caso, “se dá num contínuo conceitual que vai do +geral ao +específico”, em que a base ‘setor’ (formativo A) opera o conceito +geral; o argumento ‘de habitações’ (formativo B) reopera o conceito +geral de A; o argumento ‘coletivas’ (formativo C) reopera a base AB; por sua vez, o argumento ‘áreas’ (formativo D) reopera a base ABC, o argumento ‘octogonais’ (formativo E) reopera a base ABCD e o argumento ‘sul’ reopera a base ABCDE, completando, conseqüentemente, o conceito de setor destinado a edifícios residenciais localizado no espaço para 8 condomínios distribuídos em forma hexagonal na região sul do Plano Piloto de Brasília. No entanto, aplicando o princípio de economicidade linguística, verificou-se que a variante mais frequente é **Octogonal**, com o apagamento dos formativos ABCD e F. A sigla SHCAOS é usada em correspondências.

Com a análise do conjuntos de termos, verificou-se processo de variação semelhante ao ocorrido ao termo **Setor de Habitações Coletivas - Áreas Octogonais Sul** a **Setor de Habitações Coletivas Sudoeste**. Alguns formativos do termo, quer dizer, “elemento lexical que compõe uma UTC indissociável, tanto na forma quanto no conteúdo” (Faulstich, 2003, p. 12), no caso, [Setor], [de Habitações] e [Coletivas], foram apagados [Ø] e, como resultado, obteve-se o encurtamento do termo, como representado abaixo.

[[[[[Setor] de Habitações] Coletivas] Sudoeste]]
 [[[[[A] B] C] D]]]
 [[[[[Ø] Ø] Ø] Sudoeste]]

A sigla **SHCSW** pertence a essa mesma família conceitual, como forma variante de Setor de Habitações Coletivas Sudoeste, sem alterar o conceito. Entretanto, a atualização do estudo aponta a preferência para a variante **SHCSW** em correspondências como no outros casos que apresentam variantes em formato de siglas.

No caso do termo **Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água**, seguindo o mesmo procedimento para análise do conceito, obtém-se um parque de natureza ecológica, em que se preza pela interação entre o ser humano e a animais e plantas visando a proteção de ecossistema, em senso comum, para lazer, esportes e atividades culturais. Variante mais frequente Parque Olhos D'água que sofreu o processo do apagamento de formativos, conforme demonstramos a seguir:

```

[[[[[[[Parque] Ecológico] e de Uso] Múltiplo] Olhos] D'água ]]
[[[[[[[A      ] B      ] C      ] D      ] E      ] F      ]]]
[[[[[[[Parque. ] Ø      ] Ø      ] Ø      ] Olhos ] D'água ]]]

```

Além das estruturas urbanas e arquitetônicas, identificou-se variação em esculturas que compõem o patrimônio artístico inseridos na cidade, como é o caso de um dos símbolos da cidade, **Os dois Guerreiros**, de Bruno Giorgi, que possui como variante o termo *Os Candangos*. O conceito da escultura é representar os operários que auxiliaram a construção da Capital, que enfrentaram o clima rude e as difíceis condições trabalho da época. No entanto, a frequência mais expressiva refere-se a variante *Os Candangos*, consagrado pelos brasilienses, como ilustra o enunciado: 'As pessoas gostam de tirar fotos com Os Candangos na Praça dos Três Poderes'.

Em vista dos dados apresentados e dos argumentos expostos, afirma-se que Brasília possui um léxico que a diferencia das outras cidades do país. Do mesmo modo, os estudos no âmbito da Lexicologia e da Terminologia demonstram a relevância das

análises do léxico, uma vez que identificam-se a existência de termo e que estes se diferenciam do léxico comum de uma determinada língua por serem utilizadas em domínio específico. Admite-se, entretanto, que o léxico geral engloba o léxico especializado, ou seja, os termos, e que estes estão sujeitos as mesmas regras de construção de palavras, no sentido mais amplo, e de enunciados, por isso, sujeito a variações linguísticas. Por conseguinte, a criação de siglas, que atende a uma função pragmática e discursiva, detentora de um mesmo referente, seus termos expandidos, classificados como variantes coocorrentes neste estudo. Os dados verificaram ainda que o uso de unidades terminológicas complexas e suas variantes estão sujeitas aos contextos de usos discursivos e a época de histórica. Por isso, entende-se que o tema aqui apresentando precisa continuar sendo estudado, porque é importante para avaliar as mudanças da Capital do Brasil, assim como as mudanças do perfil de seus habitantes.

5 Considerações finais

Lucio Costa (1957), responsável pelo projeto urbanístico vencedor para a construção da nova capital do Brasil, fez questão de tornar Brasília em algo singular. Os conceitos que levaram à organização do projeto estavam presentes na estrutura da cidade, porém ainda são desconhecidos por muitos brasileiros, como registra o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN: “A Brasília simples, e pouco entendida” (2007, p.13). Essas características estão sendo estudadas para serem compreendidas, sistematizadas, divulgadas e respeitadas, pois representam uma parte da população brasileira com identidade própria refletida no modo de viver e de falar.

A pesquisa sobre a terminologia do Plano Piloto de Brasília, desenvolvida desde 2009, com revisões em 2018 e 2019, encontrou particularidades no léxico, como os termos e suas variantes que descrevem parte da história contida na vida da Capital. Parte do estudo foi sistematizado em um glossário para os falantes de língua

portuguesa. Entretanto, os visitantes da capital, estrangeiros, surdos e indígenas, ainda, ao se depararem com uma terminologia peculiar, com suas variantes, tentam fazer associações para compreendê-las, mas, muitas vezes, chegam a conclusões equivocadas, cuja consequência é uma desorientação em relação ao meio em que se encontram, havendo dificuldades para esses grupos. Portanto, a continuação dos estudos sobre o léxico, Brasília avançará com a perspectiva de levar esse conhecimento a outras pessoas que não falam a língua portuguesa e assim cumprir uma das funções da pesquisa: a social.

O estudo também demonstra a relevância da Terminologia e que, por seu caráter interdisciplinar, recorreu ao conhecimento da área de urbanismo e arquitetura, acompanhados dos fatos históricos que desencadearam na construção da “Nova Capital” e do comportamento social da cidade ao longo desses anos de existência. Isso revelou uma variação da língua portuguesa e particularidades dos habitantes brasileiros, como pessoas com senso democrático, político e social, que se verificam em conversas cotidianas, jornais da cidade, placas, entre outros como a mudanças das denominações **Ponte das Garças**, **Ponte Costa e Silva** e **Ponte Juscelino Kubitschek**. Entretanto, as variantes **Primeira Ponte**, **Segunda Ponte** e **Terceira Ponte** permaneceram durante o tempo. As variações lexicais englobam siglas, nomes complexos e nomes simples que estão intimamente ligadas ao contexto de uso, por exemplo, a preferência para as siglas em endereçamentos como **SIG**, **SMU** e **SHCES**. Destaca-se ainda que as contribuições da Linguística Computacional e da Linguística de Corpus produziram e seguem produzindo ferramentas úteis para o trabalho com grande acervo textual, permitindo análise de dados para auxiliar estudos. Nesse sentido, merecem ser conhecidas pelo pesquisador do léxico. Afinal, podem auxiliar na elaboração de glossários terminológicos e na descrição de padrões da língua em uso.

Considerando o que foi exposto, para as etapas futuras do estudo se empenhará na elaboração de materiais lexicográficos informatizados, bilingue ou multilíngue, que serão disponibilizados na internet gratuitamente para que a terminologia referente a estrutura urbana e arquitetônica de Brasília esteja disponível às pessoas que se interessarem pelo tema. Além de oferecer esclarecimentos acerca da cidade - patrimônio da humanidade - e promover maior interação entre moradores e visitantes por meio do conhecimento desses termos. O interesse em divulgar esse conhecimento de modo acessível respalda-se na percepção da importância política, econômica, social e cultural da Capital do Brasil que atrai olhares do país e de outros países. O que justifica a necessidade de desenvolver meios que facilite a divulgação das particularidades linguísticas, como o falar do brasiliense, e o sistema urbanístico e arquitetônico de Brasília em outras línguas. Informatizado para atender a demanda de uma sociedade moderna e tecnológica, como um dicionário informatizado, que poderá incluir ferramentas de busca, áudio, vídeos, imagens e configurações, adaptadas para que as informações linguísticas e extralinguísticas disponíveis de modo claro promovendo maior interação entre materiais lexicográficos e consulentes.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. Q. **A fala brasiliense**: origem e expansão do uso do pronome tu. (tese de doutorado) Universidade de Brasília, 2015.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 3.5.8) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2019. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software>.

AULETE, C. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online. Acesso em: 03 ago. 2019.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole. 2004.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**. Teoria, metodología, aplicaciones. Editora Antártida/Empúries. Barcelona, 1993.

CAFÉ, L. Terminologia: aplicação do (re)modelo de Simon Dik. In: FAULSTICH, E., ABREU, S. P. de (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá/ UFRGS, Instituto de Letra, Nec, Porto Alegre, 2003.

COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**, 1957. Disponível em: www.sucar.df.gov.br/DIRON/Arquivos/DREAEP/Codigo de Edificacoes/Relator Bs b.doc). Acesso em: 20 jun. 2019.

CAÑAS, A. J.; HILL, G.; CARFF, R. *et al.* In *Concept Maps: Theory, Methodology, Technology*, Proceedings of the First International Conference on Concept Mapping, Pamplona, Spain (September 14-17, 2004), Editorial Universidad Pública de Navarra. Disponível em: <https://cmap.ihmc.us>.

FAULSTICH, E. L. de J. **Metodologia para projeto terminográfico**. UnB/IBICT. Brasília, 1990.

FAULSTICH, E. L. de J. Rede de remissivas de um glossário terminológico. **Terminologia**: Cadernos do I. L. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 10. Porto Alegre, 1993.

FAULSTICH, E. L. de J. Base metodológica para pesquisa em socioterminologia. **Revista Vozes**, 1995.

FAULSTICH, E. L. de J. Da linguística histórica à terminologia. **Revista Investigações Linguística e Teoria Literária**. Ed. Universitária. V. 7, set., p. 71-101. Recife, 1997.

FAULSTICH, E. L. de J. Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. **SEMINÁRIO DE TERMINOLOGIA TEÓRICA**, Barcelona, 28-29 de janeiro, 1999.

FAULSTICH, E. L. de J. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: LIV/UnB/ Centro Lexterm, 2001.

FAULSTICH, E. L. de J. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. I: FAULSTICH, E., ABREU, S. P. de (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. UFRGS, Instituto de Letra, Nec. Porto Alegre, 2003.

FERRARI, C. **Dicionário de Urbanismo**. Editora Disal. São Paulo, 2004.

HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro. Instituto nacional do livro – MEC, 1967.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, M. P. P. de. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2a ed. Campo Grande, Ms: ed. UFMS, 2001.

IPHAN/ 15a Superintendência Regional. **Plano Piloto 50 anos: cartilha de preservação**. Brasília, 2007.

KOCH DELGADO, H. O. K. **Proposta de uma didática de tradução de linguagens especializadas para licenciando em língua inglesa**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LENCI, A. **Testo e computer: elementi di linguistica computazionale**. Carocci, 2019.

MAIA-PIRES, F. de O. **Brasília em termos: um estudo lexical do Plano Piloto**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MAIA-PIRES, F. **Glossário do Plano Piloto de Brasília: entre siglas e conceitos**. Editora Porto, São Paulo, 2018.

SARGE, L. C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminologia**. Trad. del inglés, Laura Chumillas Moyá. Fundación Germán Sanchez Ruipéres, Madri, Pirámide, 1993.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. **Linguística computacional: princípios e aplicações**. JAIA – ENIA, Fortaleza, 2001.

Artigo recebido em: 04.05.2020

Artigo aprovado em: 01.07.2020